

**João Louro**

***Linguistic Ground Zero***

MAAT

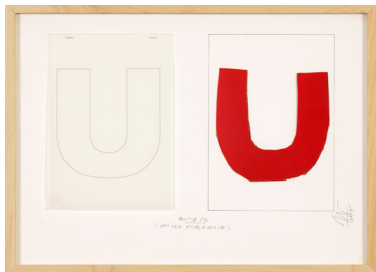
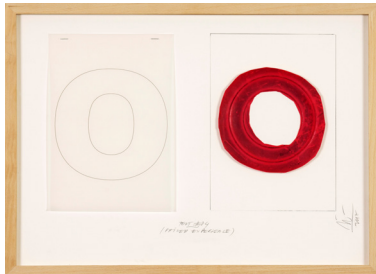
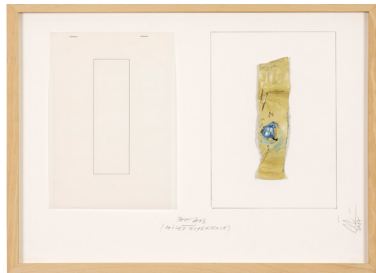
07.11.2018 - 22.04.2019

*Linguistic Ground Zero*, o novo projeto de João Louro, pensado para o Project Room do MAAT, reflete sobre esse momento de inflexão histórico no qual arte e sociedade parecem estar de acordo com a necessidade de acabar com tudo. A sua proposta consiste numa reprodução de «Little Boy» – a primeira bomba atômica da História, que arrasou a cidade japonesa de Hiroxima em 6 de agosto de 1945. Como acontece com a maioria das bombas, nas quais os soldados escrevem mensagens, esta reprodução também transporta consigo inscrições – neste caso, os textos fazem referência à arte, à política, à cultura e às vanguardas. Como escreve o curador da exposição, David G. Torres, «ponto de partida de João Louro é a relação que estabelece entre a destruição física provocada pela bomba atômica e a destruição simbólica que faz parte de diferentes estratégias das vanguardas.». João Louro estabelece uma confluência entre a destruição física provocada pela bomba atômica e a destruição simbólica que faz parte de diferentes estratégias da arte durante essas vanguardas: um fascínio partilhado pela destruição, mas também um desejo de renovação, de partir do grau zero ao qual o título alude. Nesta lógica, surge a analogia do título da própria exposição, que o curador considera perfeita e muito clara: «Linguistic Ground Zero é uma bomba que representa a possibilidade da destruição do mundo físico, mas essa destruição também existe, justamente, numa tentativa de reduzir tudo ao mínimo, de tentar levar a cabo um novo começo, no terreno do simbolismo e da comunicação, reduzindo a linguagem a um grau zero; a bomba que explode e destrói versus a destruição da linguagem; o grau zero do solo arrasado de Hiroxima versus o grau zero da linguagem num poema fonético feito de gritos e ruídos. » Como parte do projeto de investigação de *Linguistic Ground Zero*, a exposição inclui também desenhos e documentos.

*Linguistic Ground Zero* is a new installation specifically created by Portuguese artist João Louro for MAAT's Project Room. A conjunction of sculptural objects and text pieces, the project reflects on moment of historical inflection in which art and society seem to coincide in the willingness to put an end to everything. Louro's proposal consists of a reproduction of 'Little Boy' – the first atomic bomb in history that razed the Japanese city of Hiroshima on 6th August 1945. Like most bombs on which soldiers wrote messages, this reproduction also carries inscriptions. In this case, however, the texts refer to art, politics, culture and the avant-gardes. As the curator of the exhibition, David G. Torres, writes "Louro's point of departure is the relationship he establishes between the physical destruction caused by the bomb and the symbolic destruction that is part of the different strategies of the avant-garde." The result of a fascination for destruction but also of a desire for renovation, to start from ground zero, as is referred in the title. The analogy to which the title refers is very clear : "Linguistic Ground Zero is a bomb that represents the possibility of destruction of the physical world, but this destruction exist as well, and precisely as, an attempt to reduce everything to a minimum, to try and make a new start, to reduce the language, in the realm of symbolism and communication, to a ground zero; the bomb that exploded and destroyed versus the destruction of language; the ground zero of the scorched earth of Hiroshima against the ground zero of language in a phonetic poem made out of screams and noise." The result is simple and forceful: destruction, graffiti, poetic and written references come together, providing one of those moments in which art and artists carry out an exercise of complex thinking.



Vista de exposição / Exhibition view



**Failed Experience, #1, 2018**

Impressão sobre papel vegetal, recorte em papel Arches 400 g e papel marmoreado / Print on tracing paper, paper cuts on Arches 400g and marbled paper  
59 x 42 cm

**Failed Experience, #2, 2018**

Impressão sobre papel vegetal, grafite e papel marmoreado amarrutado sobre papel Arches 400 g / Print on tracing paper, graphite and creased marbled paper on Arches 400g  
59 x 42 cm

**Failed Experience, #3, 2018**

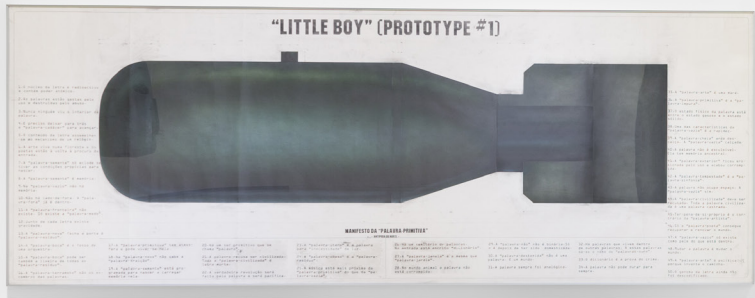
Impressão sobre papel vegetal, grafite e plástico pintado sobre papel Arches 400 g / Print on tracing paper, graphite and painted plastic on Arches 400g  
59 x 42 cm

**Failed Experience, #4, 2018**

Impressão sobre papel vegetal, grafite e borracha sobre papel Arches 400 g / Print on tracing paper, graphite and rubber on Arches 400g  
59 x 42 cm

**Failed Experience, #5, 2018**

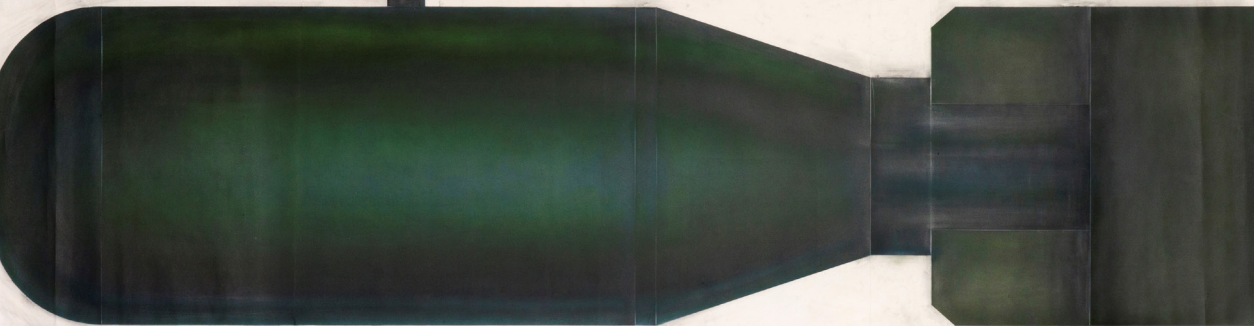
Impressão sobre papel vegetal, grafite e laminite sobre papel Arches 400 g / Print on tracing paper, graphite and laminate on Arches 400g  
59 x 42 cm



Vista de exposição / Exhibition view  
Little Boy Prototype #1, Little Boy Prototype #2

# "LITTLE BOY" (PROTOTYPE #1)

- 1.0 núcleo da letra é radioactivo e contém poder atómico.
2. As palavras estão gastas pelo uso e destruídas pelo abuso.
3. Nunca ninguém viu o interior da palavra.
4. É preciso deixar para trás a "palavra-cadáver" para avançar.
5. O conteúdo da letra assemelha-se ao mecanismo de um relógio.
6. A arte vive numa floresta e os poetas estão à volta à procura da entrada.
7. A "palavra-semente" só eclode se tiver as condições propícias para nascer.
8. A "palavra-semente" é memória.
9. Na "palavra-vazio" não há memória.
10. Não há lado de fora. A "palavra-fora" já é dentro.
11. A "palavra-fronteira" não existe. Só existe a "palavra-medo".
12. Junto de cada letra existe gravidade.
13. A "palavra-nova" fecha a porta à "palavra-resíduo".
14. A "palavra-boca" é o fosso de uma orquestra.
15. A "palavra-boca" pode ser também a lixeira de todas as "palavras-resíduo".
16. A "palavra-terremoto" são os escombros das palavras.



35. A "palavra-arte" é uma maré.
36. A "palavra-primitiva" é a "palavra-impura".
37. O estado físico da palavra está entre o estado gasoso e o estado sólido.
38. Uma das características da "palavra-vazia" é a rapidez.
39. A "palavra-cheia" anda descalça. A "palavra-vazia" calçada.
40. A palavra não é esculpiável. Ela tem memória ancestral.
41. A "palavra-exterior" ficou erodida pelo uso e acabou corrompida.
42. A "palavra-estepeada" é a "palavra-sinfonia".
43. A palavra não ocupa espaço. A "palavra-vazia" sim.
44. A "palavra-civilizada" deve ser focutada. Toda a palavra civilizada é uma palavra castrada.
45. Ter pena-de-si-próprio é o contrário da "palavra-artista".
46. Só a "palavra-poeta" consegue recuperar e renovar o mundo.
47. A "palavra-vazio" só existe como pele do que está dentro.
48. Mudar a palavra é mudar o mundo.
49. A "palavra-arte" é política porque inventa o céuinho.
50. O genoma da letra ainda não foi decodificado.

## MANIFESTO DA "PALAVRA-PRIMITIVA"

ANTÍPODA DO NOVEL

17. A "palavra-primitiva" tem atenuação e pode viver-se nela.
18. Na "palavra-novo" não cabe a "palavra-traição".
19. A "palavra-semente" está programada para nascer e carregar memória nela.

20. Há um ser primitivo que se chama "palavra".
21. A palavra recusa ser civilizada. Toda a "palavra-civilizada" é letra morta.
22. A verdadeira revolução será feita pela palavra e será pacífica.

23. A "palavra-uterina" é a palavra para "inaccessado" de luz.
24. A "palavra-obeso" é a "palavra-resíduo".
25. A música está mais próxima da "palavra-primitiva" do que da "palavra-vazia".

26. Há um celestário de palavras. Na entrada está escrito "dicionário".
27. A "palavra-jamala" é a mesa que "palavra-jardim".
28. No mundo animal a palavra não está corrompida.

29. A "palavra-não" não é binária. Só o é depois de ter sido domesticada.
30. A "palavra-desteida" não é uma palavra. É o mundo.
31. A palavra sempre foi analógica.

32. Há palavras que vivem dentro de outras palavras. Às vezes as palavras saem-se o nome de "palavras-ouro".
33. O dicionário é a prova do crime porque inventa o céuinho.
34. A palavra não pode durar para sempre.

Little Boy (Prototype #1), 2018

Acrílico e grafite sobre papel Arches 400 g / Acrylic and graphite on Arches 400 g  
150 x 400 cm



Vista de exposição / Exhibition view  
*Little Boy*



**Little Boy, 2018**  
Aço, esmalte e acrílico / Steel, enamel and acrylic  
304,5 x 74 x 74 cm

João Louro (1963) é um artista português, natural de Lisboa, onde ainda vive e trabalha.

Estudou arquitetura na Faculdade de Arquitetura de Lisboa e Pintura na escola de artes visuais Ar.Co. A sua prática engloba pintura, escultura, fotografia e vídeo. O seu trabalho traça uma topografia do tempo, com referências pessoais mas, sobretudo, geracionais. Utiliza como fonte recorrente a linguagem, a palavra escrita, e procura fazer uma revisão da imagem na cultura contemporânea a partir de um conjunto de representações e símbolos do universo visual colectivo. O minimalismo, o conceptualismo, a cultura pop, o estruturalismo e pós-estruturalismo, autores como Walter Benjamin, Guy Debord, Georges Bataille, Blanchot ou artistas como Donald Judd ou Duchamp, formam o léxico através do qual João Louro se exprime.

Ao longo da sua carreira tem exposto o seu trabalho em mostras individuais e colectivas, em várias galerias, instituições e bienais de renome, incluindo a Bienal de Veneza, Museu de Serralves, Centro Cultural de Belém, Fundació Joan Miró, MACRO—Museo d'Arte Contemporanea di Roma, entre muitos outros. O seu trabalho encontra-se representado em inúmeras colecções públicas e privadas em vários países.

João Louro was born in 1963, in Lisbon, where he lives and works.

He studied architecture at the University of Lisbon and painting at the Ar.Co School of Visual Art. João Louro's body of work encompasses painting, sculpture, photography and video. João Louro's work descends from minimal and conceptual art, with special attention to avant-garde movements of the early twentieth century. It draws out a topography of time, with references that are personal but mainly they are generational. With regular recourse to language as a source, as well as the written word, he seeks a review of the image in contemporary culture, starting out from a set of representations and symbols from the collective visual universe. Minimalism, conceptualism, Pop culture, structuralism and post-structuralism, authors such as Walter Benjamin, Guy Debord, Georges Bataille and Blanchot as well as artists like Donald Judd and the ever-present Duchamp, form the reference lexical universe of the artist.

His work has been exhibited in various solo and group exhibitions, galleries and biennials, including the Serralves Museum, Cultural Centre of Belém, Foundation Joan Miró, MACRO—Contemporary Art Museum Rome, to name but a few. He was the Portuguese representative at the Venice Biennale of 2015, with the exhibition I Will Be Your Mirror | Poems and Problems. He is present in various public and private collections around the world.

**GALERIA VERA CORTÊS**

Galeria Vera Cortês  
R. João Saraiva 16, 1º  
1700-250 Lisboa, PT

T (+351) 213 950 177  
M (+351) 924 288 333

[vc@veracortes.com](mailto:vc@veracortes.com)  
[www.veracortes.com](http://www.veracortes.com)